



Santos negros carmelitas e franciscanos: estudo das imagens de Minas Gerais e Pernambuco

Carmelite and Franciscan black saints: study of images from Minas Gerais and Pernambuco

Fábio Zarattini*

Resumo: Este artigo apresenta imagens em madeira dos santos negros franciscanos e carmelitas, presentes em Pernambuco e Minas Gerais, polos do Nordeste e Sudeste brasileiros. O recorte temporal dos objetos de estudo abrange os séculos XVI ao XIX, período em que se verificou cristianização dos gentios, negros e pardos. A atuação das irmandades do Rosário dos Pretos resultou na edificação de uma série de templos e principalmente na produção de esculturas policromadas com técnica e iconografia diversificadas. A pesquisa recorreu a revisão teórico-prática no exame de acervos dos citados Estados e contemplou análises de aspectos sócio-culturais, histórico-religiosas, técnico-materiais e de fotodocumentação. Como resultados, verificou-se o predomínio das esculturas de Elesbão e Ifigênia pelos carmelitas, Antônio de Noto e Benedito pelos franciscanos, e a análise da variedade técnica, formal estilística e iconográfica acerca destas esculturas católicas. Torna-se necessário destacar que, apesar da dissociação de registro desses acervos, as imagens estudadas se afirmam como importante testemunho documental do processo de evangelização negra e de verificação de suas características. O estudo permitiu perceber as especificidades entre as devoções, características relativas aos acervos de cada Estado, bem como a relevância de Benedito como o santo negro mais venerado no país.

Palavras-chave: Escultura em madeira policromada; Minas Gerais; Pernambuco; carmelitas; franciscanos; devoções negras; irmandades do Rosário dos Pretos.

Abstract: This article presents wooden images of the black Franciscan Carmelite saints in Pernambuco and Minas Gerais, northeastern and southeastern Brazilian poles. The time frame of the objects of study covers the 16th to the 19th centuries, a period of Christianization of the gentiles, blacks, and browns. The work of the brotherhoods of Rosário dos Pretos resulted in the construction of a series of temples and, mainly, in the production of polychrome sculptures with a diversified technique and iconography. The research used a theoretical-practical review to examine collections from the states, as mentioned earlier, and included analyses of socio-cultural aspects, religious history, technical materials, and photo documentation. As a result, it was verified, therefore, the predominance of sculptures by Elesbão, and Ifigênia, by Carmelites and, Antônio, de Noto, and Benedito by the Franciscans, and the analysis of the technical, formal, stylistic, and iconographic variety about these Catholic sculptures. It is necessary to emphasize that despite the dissociation of registration from these collections, the images studied assert themselves as an essential documentary testimony of the process of black evangelization and verification of its characteristics. The study allowed us to perceive the specificities between the devotions, characteristics related to the collections of each state, and the relevance of Benedito, as the most revered black saint in the country.

Keywords: Polychrome wooden sculpture; Minas Gerais; Pernambuco; Carmelites; Franciscans; black devotions; brotherhoods of Rosário dos Pretos.

* Doutorando em Artes (UFMG, Belo Horizonte-MG). Bolsista CAPES. ORCID: 000-0003-1455-0452 – contato: fzarattinirestauro@gmail.com

Introdução

Entre os séculos XV e XVI, após autorização da Coroa Portuguesa para as expedições marítimas, muitos escravizados africanos foram introduzidos em Portugal, a maior parte pelo porto de Lisboa. Com o início das navegações rumo às Índias Ocidentais, os navegadores aportaram de modo controverso no Brasil Colonial. Conectadas às questões políticas, à Contrarreforma e, principalmente, concentradas na criação de melhores condições à catequização dos gentios e não católicos que habitavam e povoavam esse território, as ordens religiosas e, principalmente, as congregações jesuíta, franciscana e carmelita, foram as primeiras a cumprir essa orientação.

Durante o século XVI, Portugal, empenhado na evangelização popular, presenciou a instituição de várias irmandades compostas exclusivamente de negros. As de Nossa Senhora de Guadalupe e de São Benedito, instaladas no convento de São Francisco, a de Jesus, Maria e José, estabelecida no Convento do Carmo, em Lisboa, a de Nossa Senhora do Rosário e dos Santos Reis Magos, assim como a de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, são exemplos dessas agremiações, que, juntas, aglutinavam milhares de indivíduos em busca de proteção terrena e divina, garantia de funerais cristãos, além da sociabilidade promovida pelos encontros (Reginaldo, 2009, pp. 289-320).

Desde o século XV, o culto a Nossa Senhora do Rosário já havia sido introduzido em Portugal por influência dos dominicanos e, desde então, foram estabelecidas igrejas em todo o território e domínios ultramarinos. A citada devoção foi incorporada pelos franciscanos, com base nos resultados positivos da ordem dominicana na evangelização católica em África. Desde o século XVIII, a maioria das irmandades negras do reino português e suas colônias americanas já era dedicada à Nossa Senhora do Rosário, tornando-se esta invocação a mais relevante e presente.

Quintão (2002, p. 79) chama a atenção para o fato de que o culto à Virgem do Rosário teria sido exaltado pela vitória da Liga Santa sobre os turcos otomanos na batalha de Lepanto, Grécia, em 1571 e, em decorrência do evento, vários escravizados recobram a liberdade. Além de uma série de justificativas dos religiosos na apropriação do citado culto, ressalta-se o fato de que, na iconografia da Virgem, verifica-se a presença do terço ou rosário nas mãos da personagem de veneração, fato que a associava ao adereço do orixá africano *Afã* ou *Ifã*, cuja manufatura mais tradicional utilizava as sementes de uma palmeira unidas por um cordão. *Iquim* é a noz obtida de uma palmeira de dendê originária da costa ocidental africana, usada para fins divinatórios e produção das peças. Em adaptação a essa manufatura no Brasil, as missangas obtidas de uma planta tropical perene conhecida como capim-rosário, painço *adlay*, ou capim-de-lágrima-de-nossa-senhora tem sido utilizadas.

No sincretismo religioso das matrizes africana e católica, a figura feminina de Maria foi preferida em oposição ao louvor a um Deus reconhecido como masculino e patriarcal. Em conexão às simbologias, a figura de Menino Jesus carregado por Nossa Senhora conferia presença e reforçava a força de uma deidade maternal, à qual os negros provavelmente associavam com suas tradicionais entidades e valorização do feminino.

Durante muito tempo, a história das missões no Brasil resumiu-se à história jesuítica. Entretanto, na historiografia registra-se a vinda de frades menores franciscanos

encarregados da conversão cristã de nativos. Esses frades se juntavam às expedições de maneira extraoficial, sem mandado explícito da cúria franciscana, sediada em Roma, e se fixaram inicialmente na capitania de Pernambuco.

A Ordem dos Franciscanos, estabelecida no território português desde 1217, no decorrer do século XVII já havia enviado seus missionários capuchinhos para pregar na África e no Oriente. Nos anos 1500, tal experiência lhe foi útil na evangelização dos negros no momento de colonização brasileira por Portugal. O próprio frei Henrique de Coimbra, que comandava essa comitiva de religiosos regulares e seculares, parte integrante da esquadra de Pedro Álvares Cabral, foi frade franciscano e o celebrante da primeira missa em solo brasileiro.

Os jesuítas aportaram em solo brasileiro em 1549 e se envolveram nas chamadas reduções ou povos das Missões, que, sediadas nas fronteiras e portos principais, combinavam catequese, criação de oficinas de esculturas devocionais e a utilização de mão de obra dos nativos produzindo todo o necessário no suprimento de necessidades destes núcleos urbanos. Em 21 de julho de 1773, a expulsão da Companhia dos territórios de domínio português foi a ruptura de um acordo de colaboração entre a Companhia de Jesus e a coroa portuguesa que já durava cerca de dois séculos.

À medida que os escravizados eram trazidos ao Brasil, houve a implantação de irmandades negras, o que de certa forma, possibilitava, mesmo que de forma desigual, que os africanos e crioulos, ou seja, negros nascidos no território americano, participassem da vida da Colônia e das festas religiosas e procissões de rua. As confrarias elaboraram seus compromissos, edificaram seus lugares de culto, prestavam uma importante assistência política e social e propiciavam, inclusive, a oportunidade de sepultamentos dignos para os seus membros e familiares. De acordo com Freyre (2006, p. 438), foi esse cristianismo doméstico, lírico e festivo, que criou nos negros as primeiras ligações espirituais, morais e estéticas com a família e com a cultura brasileira.

Calcado na diáspora da doutrina católica, o povo negro hibridizou sua cultura, música, culinária, artes em geral, e criou novos paradigmas. Na manufatura de suas esculturas de devoção, e em prol da hegemonia católica, as congregações religiosas mesclaram e flexibilizaram os cânones hieráticos de origem eurocêntrica. Anderson Oliveira (2008, p. 34) observa que, em relação às suas crenças ancestrais “Era possível acreditar em Nossa Senhora do Rosário, Jesus Cristo, seus santos e anjos e paralelamente em divindades do panteão africano, sabendo que elas mantinham suas respectivas identidades”. Nas palavras de Boschi:

Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santo Elesbão, Santa Efigênia eram invocações dos negros, não apenas pela afinidade epidérmica ou pela origem geográfica, mas também pela identidade com suas agruras. Os “santos” dos brancos, supunha-se não saberia compreender os dissabores e os sofrimentos dos negros (Boschi, 1986, pp. 25-26).

Na demanda da construção de uma identidade católica negra, as fraternidades recorreram a imagens conectadas às raízes populares, incorporando um caráter mais festivo, colorido e espontâneo à sua própria iconografia. Nas atividades confraternais dos ditos “homens de cor”, eram nítidas as manifestações de preservação de valores

africanos e a reconstrução identitária como se expressava nas de coroação de reis do Congo. Reflexo desse sincretismo e hibridismo encontrados predominantemente a partir do século XIX, a Umbanda se coloca como um exemplo de prática religiosa derivada de princípios do Candomblé, Catolicismo e Espiritismo, um *locus* de sobrevivência para os povos subjugados, configurando uma tipologia de catolicismo africano.

Conforme Boschi (1986, p. 25), os escravizados passavam por inúmeros sofrimentos e maus tratos no trabalho da lavoura canavieira, submetidos a provações para testar a sua fé, resignação, amor ao próximo e a Deus; a conexão com os santos de origem africana, portanto, facilitava essa aproximação. A epiderme escura das carnações das esculturas de santos eram o principal aspecto persuasivo aos negros vindos da África.

Segundo Scarano (1975, p. 38), “a mais famosa dentre as inúmeras irmandades de pretos é a de Nossa Senhora do Rosário”. Contudo, é possível verificar também os cultos a Nossa Senhora da Conceição, Santa Bárbara e São Jorge, dentre outros, de origem branca ou não negras; inclusive, alguns destes santos eram compartilhados com a Igreja Ortodoxa Oriental, muito ativa na Etiópia, berço de muitos mitos religiosos negros. A vertente católica ortodoxa, cuja origem se remete ao século I EC, era uma comunhão de igrejas cristãs autocéfalas após o Cisma do Oriente, herdeiras da cristandade do império romano oriental, ou seja, o império bizantino. O Cisma é um episódio de 1054 EC, quando se deu a ruptura entre a Igreja chefiada pelo papa, em Roma, e a igreja dirigida pelo patriarca, em Constantinopla, atualmente no território de Istambul, na Turquia.

Já nos primeiros quartéis do século XVIII, a Ordem do Carmo, imbuída da catequese dos “homens de cor” e em certa oposição ao conservadorismo proposto pelos cânones oficiais do alto escalão da Igreja romana, mostrava-se mais receptiva aos povos e cultura além da Europa, envolvendo-se profundamente na divulgação dos santos negros com origem na África.

Posteriormente e de modo menos controlado, na abordagem catequética praticada no Brasil durante a colonização, inúmeros santos católicos passaram a ter leituras e associações conectadas aos orixás e entidades cultuadas na África. Nossa Senhora da Conceição e do Rosário passou a ser relacionada a Oxum, Santa Bárbara com Iansã e São Jorge com Ogum, entre outros sincretismos. Esses santos mártires católicos apresentam em suas hagiografias passagens que trazem tormentos, perseguição e morte por sua fé, bem como pelo ato de professar ou agir por determinados preceitos religiosos. Esse elemento hagiográfico proporcionava identificação com santos católicos hibridizados às mitologias africanas pelas provações sofridas por seu povo.

No processo de criação de irmandades, os negros buscaram referências nos santos difundidas pelas ordens religiosas e elegiam os patronos que mais os representavam, seja pela cor ou por outros símbolos próximos à sua cultura ou interesse. A cor negra da pele desses santos não apenas resultava em uma associação imediata, mas também reafirmava um princípio identitário muito comum entre os povos africanos: o do culto aos ancestrais divinizados.

As principais devoções negras no Brasil

Portugueses e espanhóis estavam à frente da difusão do culto católico junto aos povos africanos – deles procediam as principais referências devocionais. Na temática de devoção negra predominante no Brasil, os carmelitas difundiram os santos Ifigênia e Elesbão, e os franciscanos, os santos Antônio de Noto e Benedito das Flores.

O imaginário religioso construído no interior das confrarias negras, portanto, deve-se sobretudo aos citados personagens carmelitas e franciscanos eleitos para sua devoção. Nos templos edificadas por irmandades de negros eram contadas histórias e citadas características pessoais, atributos espirituais e milagres desses martirizados pela fé. Essa história oral os auxiliava no processo de identificação, afinidade e, acima de tudo, potencializavam o processo de conversão dos novos confrades ao catolicismo. A dimensão social que as imagens representam precisava ser valorizada, já que essa diversidade indica um caminho estratégico na compreensão de valores culturais coexistentes.

À vista dessa busca identitária, alguns santos foram apropriados pela camada popular e encontraram nela uma força devocional intensa. De origem nobre, uma princesa da Núbia e um rei de Axum, santos Ifigênia e Elesbão, ambos negros nascidos, respectivamente, nos atuais Sudão e Etiópia, passaram a ser contemplados como personagens míticos abnegados e martirizados que, movidos pela fé, dedicaram-se ao trabalho em louvor a Deus.

Coube ao frei carmelita José Pereira de Santana (1735) o trabalho canônico de caráter hagiográfico que trazia a mensagem da ordem, intitulado *Os Dois Atlantes de Etiópia: Santo Elesbão, Imperador XLVII da Abissínia, Advogado dos perigos do mar e Santa Ifigênia, Princesa da Núbia, Advogada dos incêndios dos edifícios* (Santana, 1735: In: Oliveira, Anderson, 2008).

Na ânsia de projetar sua ordem e representar a superação da adversidade da cor nos passos da verdadeira e única Igreja, o frei José Pereira de Santana tinha da África um conhecimento paradoxal, marcado por estereótipos, ambiguidades, dados de histórias passadas e idealizações acerca das origens e vidas dos africanos na Etiópia e na Núbia, região situada em territórios dos atuais Egito e Sudão. Ao que tudo indica, o frei recortou aspectos narrativos pontuais dos mitos hagiográficos existentes, que convinham ao propósito de projetar sua ordem frente aos novos cristãos, e sinalizou como deveriam ser esculpidas as imagens e estampas desses santos, nos quais dois atributos se destacam: a cor preta nas carnações e o hábito carmelita nos panejamentos (Oliveira, 2008, p. 123 e 126).

Os concílios de Nicéia (325 EC) e Trento (1546-1563) foram momentos de deliberações católicas a respeito da normatização visual e difusão das imagens sacras. Marcos em que Igreja sinalizou sua intenção em normatizar e padronizar a maneira como as imagens deveriam ser caracterizadas, indicação de seus devidos atributos, gestuais e demais exigências para a correta identificação de evangelização de seus fiéis. O Concílio de Trento buscou, entre outras ações, reafirmar a legitimidade das imagens nas igrejas por sua eficácia didática, pontuando, inclusive, a necessidade de controle da dita decência e do decoro com as coisas sagradas, ou seja, a fidelidade aos modelos propostos,

a boa qualidade e estado de conservação. O hagiológico católico determinou manuais de representação e a simbologia relativa a seus santos e aos temas cristãos.

Anderson Oliveira (2008, p. 124), contudo, observa que não constam nos textos tradicionais católicos – a *Legenda Áurea* ou *Legendae Sanctorum* (1260), o *Catalogus Sanctorum* (1370-1400), o *Martiroológico Romano* (1584), a *Acta Sanctorum* (1643) e a *Vida dos Santos*, de Butler (1756-1759) –, referências aos vínculos entre os santos negros e a Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, fundada por volta de 1200, alertando que os mitos acerca desses personagens, inclusive, são anteriores.

Efigênia ou Iphigênia em grego, tida como uma das responsáveis pela disseminação do cristianismo na Etiópia, de acordo com o livro *Legenda Áurea*, era filha do Rei etíope Égipio ou Eggipus. Em uma de suas hagiografias mais difundidas, consta que a virgem teria vivido no século I EC, e que fora batizada e consagrada a Deus por Mateus, o Evangelista, o que teria provocado a ira de seu tio Hirtacus, que cobiçava desposá-la. A lenda culmina com as mortes de Mateus e da virgem princesa. Após a morte do tirano, o povo teria aclamado o irmão da religiosa como novo rei, e que seus descendentes teriam promovido a construção de muitas igrejas cristãs pela Etiópia. Provavelmente nasce daí sua fama como pioneira difusora do Cristianismo na África, assim como sua primeira santificação pela religiosidade popular (Varazze, p. 778, 783, 2003).

A representação recorrente de Ifigênia a mostra como uma figura feminina de meia idade, em posição frontal, véu sobre a cabeça, fisionomia serena, olhos abertos, boca cerrada e lábios carnudos. No braço esquerdo, pode trazer um crucifixo, assim como a palma indicativa do martírio; no braço direito, traz um livro, elemento associado ao evangelho de Mateus, uma igreja em miniatura ou ambos. Veste quase sempre uma túnica e o hábito carmelita, muitas vezes acompanhados de escapulário sobre o peito.

Elesbão, conforme a mitologia africana, era natural da Etiópia e teria sido descendente do rei Salomão e da rainha de Sabá, sendo imperador de seu país no século VI EC. Ao final da vida, teria renunciado ao trono em favor de seu filho, doando sua coroa à Igreja e tornando-se anacoreta, ou seja, um monge ou ermitão cristão que vivia em retiro e solidão, especialmente nos primórdios do cristianismo, dedicando-se à oração e à escrita de liturgias a fim de alcançar um estado de graça e pureza de alma pela contemplação.

A seu respeito, Schenone (1992) diz o seguinte:

Rei etíope, provavelmente monifista, que a lenda coloca no século IV e que está associado aos carmelitas, sem saber as razões para isto. Esse rei vingou o massacre de *Najran*, executado por outro rei, chamado *Dunaan*, que se converteu ao judaísmo. A lenda faz dele um anacoreta no fim de sua vida e esta é, provavelmente a causa de sua afiliação às ermidas do Carmelo. [...] Com seu próprio rosto negro, ele veste traje real e usa a escápula de cor castanha no peito (Schenone, 1992, p. 290, tradução nossa).

Muitas vezes, nas representações iconográficas de Elesbão ou Kaleb de Axum, como é também conhecido, encontra-se a figura de um rei branco sob seus pés (Coelho, 1998, pp. 1-2). As imagens do santo negro costumam ter pelo menos um dos pés pousado sobre a cabeça de um nobre, em referência ao Rei Dunaán, um rei convertido ao judaísmo e, portanto, um herege que deveria ser combatido.

A respeito da irmandade dos frades menores capuchinhos, é um ramo da ordem franciscana (originada no século XVI, na Itália) cujas regras a serviço da Santa Sé na “reconquista das almas perdidas do Novo Mundo” a orientava a consagrar a maior parte do tempo à meditação. No Brasil, além da contemplação religiosa, alguns frades se lançaram à estrada em peregrinação missionária na busca das “almas perdidas”. Nas publicações divulgadas em países europeus, os capuchinhos italianos registravam deliberadamente seu desconforto com a oficialidade do regime escravocrata que imperava no Brasil.

Os frades franciscanos condenavam qualquer forma de trabalho escravo e defendiam a autonomia do projeto missionário em relação à política do governo imperial brasileiro. Para tal peregrinação de ação evangelizadora, esses terceiros franciscanos lançaram mão de um programa iconográfico em que as imagens representam cenas relevantes do franciscanismo; elas eram capazes de educar o fiel de forma simplificada para o conhecimento da história da venerável ordem, seu fundador e seus santos. Focados nos fiéis negros, os santos Antônio de Noto e Benedito foram eleitos como representantes desses ideais de conduta, aptos a persuadir e atrair grande número de fiéis.

Antônio de Noto nasceu em Cirenaica, na África, costa oriental da moderna Líbia, e foi um dos mais populares e expressivos santos negros franciscanos, especialmente na América Latina. Muçulmano no início de sua vida religiosa, Antônio foi vendido como escravo em Noto, uma comuna italiana da região da Sicília. Após conquistar liberdade, teria se dedicado ao trabalho em hospitais e à vida religiosa, convertendo-se ao catolicismo junto a Ordem Terceira de São Francisco e, posteriormente em uma vida contemplativa como eremita. É conhecido, também, como o Negro, o Mouro, o Etíope ou de Categeró (e suas corruptelas). Sua popularidade entre os negros no império português precede e ultrapassa o aval romano. Com o título o servo de Deus, título que a Igreja Católica confere a uma pessoa cujo processo de canonização foi oficialmente aberto, a primeira das quatro etapas do processo de canonização. Sua beatificação ocorreu entre 1576 e 1590.

Representado como como um imberbe ou um senhor já adulto e barbado no queixo, carnção negra e tonsura. Trajado com um hábito franciscano marrom, traz na cintura um cordão simples com três nós, símbolo franciscano que indica os votos de pobreza, obediência, castidade e, como atributos, o crucifixo, o rosário ou lírio.

Alves (p. 71, In: Coelho, 2005) observa em relação às imagens de Santo Antônio de Noto:

[...] a maior parte de suas imagens inventariadas em roca, o que sempre induz certas confusões no momento de caracterizá-lo corretamente. Assim, o santo ora traz, de forma errônea, um menino Jesus – e aí se confunde com São Benedito – ora leva um crucifixo, que é como geralmente o vemos representado nas gravurinhas populares.

Com relação a Benedetto Manasseri, nome de batismo Benedito das Flores ou Rosas, como o santo é mais conhecido, sabe-se que nasceu em San Fratello, Sicília, em 1526, e faleceu em Palermo, no ano de 1589. Beatificado oficialmente em 1763 e canonizado em 1807, pela história oral o santo é conhecido como o padroeiro das donas-de-casa e cozinheiros. Como franciscano, professou além dos votos de pobreza, obediência e castidade, o de vida quaresmal relativo ao tempo que se exilou como eremita no deserto.

No convento de Santa Maria de Jesus, dos frades capuchinhos, exerceu a função de cozinheiro e, posteriormente, foi nomeado frei superior dos noviços e guardião deste convento, algo que chama atenção, visto que era analfabeto e negro.

Frei Apolinário da Conceição (1744, In: Oliveira, 2017), religioso português da Seráfica Província do Rio de Janeiro e autor da hagiografia do S. Benedito, o relaciona como o santo negro mais notório no século XVIII e o define em latim como – *Niger in facie, sed formosus in core. Benedictus, qui venit. In nomine Domini*, cuja tradução em português diz: “Negro na face, mas belo no coração. Bem-aventurado aquele que vem. Em nome do senhor”.

Recorrentemente, as esculturas de Benedito mostram um homem jovem, de carnção negra, em pé, vestindo hábito marrom, composto de túnica, esclavina, capuz e cordão duplo amarrado à cintura. Um outro cordão, simples, com três nós espaçados, desce até a altura do joelho direito, simbologia associada aos votos franciscanos. Os pés calçam sandálias que reafirmam a simplicidade típica de sua ordem religiosa. O hábito geralmente mostra-se com uma parte repuxada e deixa à mostra uma outra túnica subjacente.

Com base na difusão da devoção de S. Benedito na Europa, as esculturas podem se apresentar em três modelos iconográficos no catolicismo tridentino com diferenciação de atributos. O modelo italiano que mostra São Benedito com o Menino Jesus, e que Dell’Aira (1993, p. 7) sugere seguir as referências iconográficas do Santo Antônio de Pádua. Augras (2005, p. 60) apresenta em um estudo analítico deste modelo, que, de certa forma, indica uma simbologia que reforça estigmas desfavoráveis ao santo. Visto que o santo negro carrega o menino Jesus e nota-se a presença de um tecido branco para limitar esta aproximação entre o carregador e a criança. Na hipótese levantada por Augras (2005, p. 60), a sutil simbologia reforça a demarcação do lugar e um estigma de inferioridade de religiosos e santos de pele negra na Igreja católica.

Já o modelo português no qual o personagem oferta pães, ou carrega um buquê de flores, apresenta similaridade com a iconografia de Santa Isabel devido às narrativas semelhantes com relação aos milagres registrados dos santos. Santa Isabel teve moedas transformadas em rosas, enquanto São Benedito teve pães transformados em flores.

A versão espanhola recebeu as influências da *Religio Cordis*, no qual o coração jorra gotas de sangue como atributo mais destacado. Nesse modelo, denominado o *Milagre do sangue*, o santo carrega na mão direita um coração, mas há variações: por vezes, Benedito carrega no lugar do coração um pequeno tecido manchado de sangue, e também pode aparecer portando um crucifixo ou um cajado.

Em relação à iconografia e à talha das esculturas de S. Benedito verificadas em Minas Gerais, Coelho (2005, p. 135, 243) destaca as imagens em vestes com caimento duro portando “flores vermelhas” e ainda inclui o atributo do “coração flamejante” sobre o peito, raro nas imagens mineiras desse santo”. Segundo consta em uma das versões hagiográficas, conta-se que um dia, quando levava comida para os pobres, o santo foi surpreendido pelo vice-rei da Sicília que quis saber o que ele estava levando nas mãos. Ao obedecer e mostrar o que levava, os alimentos se transformaram em flores.

Como característica comum aos citados santos, ressalta-se o fato de terem vivido como anacoretas ou eremitas, ou seja, cristãos que passaram períodos longos em retiro,

de modo solitário, dedicando-se à oração, entregues a contemplação, características muito afins aos ideais propostos tanto pelos carmelitas como pelos franciscanos. As vestes e acessórios da representação dessas esculturas, inclusive, foram restritas aos hábitos monásticos das respectivas ordens. O estilo de vida mendicante e ativo desempenhou, assim, um papel primordial na difusão do culto aos santos negros, em um estreito e marcante contato nas pastorais e as mais diversas apropriações da figura do santo negro em um complexo processo de construção e coesão de grupo, cuja identidade se construía através do estabelecimento do contraste de classes.

Pernambuco e as esculturas de devoção negra

Em 1580, em sequência dos pioneiros franciscanos em caráter não oficializado, os carmelitas atracaram em Pernambuco de modo a participar da onda expansionista no período da Restauração, na qual a Igreja e os conventos das ordens religiosas na colônia se multiplicaram e enriqueceram. No fim desse mesmo século, a capitania de Pernambuco já havia se tornado a mais próspera e influente das capitanias hereditárias da América portuguesa, fruto de seu desempenho econômico no ciclo do açúcar e, conseqüentemente, considerada como um relevante polo da chegada de influências culturais.

Com o apoio da Sagrada Congregação de Propaganda Fide, na evangelização dos povos e a vinda dos Frades Menores Capuchinhos, em 1622, a tarefa missionária no território foi recapitulada. Essa congregação, criada pelo Papa Gregório XV no Palazzo di Propaganda Fide, na Piazza di Spagna, em Roma, tinha uma tarefa especificamente catequizadora, definia diretrizes, promovia a formação desses pregadores e provinha o sustento daqueles que estavam nas “Pontifícias Obras Missionárias”, denominação que recebeu da Cúria Romana. Esses religiosos retomaram as missões no Maranhão e ao longo do Rio São Francisco. Destaca-se que, nas publicações divulgadas em países europeus, os frades registravam seu desconforto com a legalidade do regime escravocrata que imperava no Brasil os capuchinhos italianos envolvidos nessas missões e, desta forma, condenavam qualquer forma de trabalho escravo e defendiam a autonomia do projeto missionário em relação à política vigente.

Em 1644 foi criada a Irmandade dos Homens Pretos de Olinda, a mais antiga do Brasil, e dez anos depois, a Irmandade dos Homens Pretos do Recife em 1654. A respeito da arte escultórica sacra nos atuais Estados de Pernambuco, Alagoas e Paraíba, Myriam Oliveira (2000) avalia como de grande apuro técnico e aspecto suntuoso, porém bem menos diversificada do que em Minas Gerais.

Observa que as informações referentes a esse período se encontram dispersas, tornando-se necessário não apenas a sua catalogação, mas um estudo profundo acerca da “Escola Regional de Pernambuco”. Na maioria dos casos, observa-se o douramento integral da peça, revelado mediante minucioso trabalho de incisões em esgrafiado¹, com

¹ O esgrafito, ou esgrafiado, é uma das técnicas mais frequentes no estofamento, pois é o que faz a representação da estampa dos tecidos. Seu efeito provém não só da diferença de cor entre tais camadas, mas também do contraste entre o brilho do ouro e a camada mate da têmpera.

motivos geométricos ou florais em complexas composições ornamentais. Com relação à morfologia das esculturas, a historiadora diz o seguinte:

[...] tem como características mais evidentes a complexão forte dos corpos, envoltos em panejamentos amplos e movimentados, com projeção lateral dos véus e mantos, geralmente em direções contrastantes. As expressões fisionômicas são individualizadas e variadas, constituindo um elemento importante na identificação da oficina de origem da peça. [...] As de Recife apresentam maior diversidade, variando de tipologias provavelmente inspiradas em peças portuguesas importadas. (Oliveira, 2000, pp. 37-79.).

As instituições museológicas brasileiras vêm, paulatinamente, contribuindo para a difusão e a exposição de coleções e acervos de esculturas sacras da temática dos santos de devoção negra. O Museu de Arte Sacra de Pernambuco, o MASPE, tem sua origem na antiga Casa da Câmara de 1537, uma das primeiras edificações da Vila de Olinda; após várias adaptações ao longo dos séculos, transformou-se em espaço para exposição e estudo da arte sacra ou de inspiração religiosa em 1977.

A exposição “Santos Negros”, ocorrida de novembro de 2018 a maio de 2019, proporcionou a oportunidade singular de reunir em um mesmo local e apresentar ao grande público um rico acervo de esculturas devocionais católicas. Seleccionados das igrejas pernambucanas de Recife e Olinda, a mostra reuniu algumas das principais esculturas dos negros santos franciscanos, Benedito, Antônio de Noto, e os carmelitas Elesbão e Ifigênia (Pereira, 2019, pp. 67-81).

Presentes na mostra estavam as esculturas dos santos franciscanos e carmelitas, de vulto redondo e de cânones de 7,5 cabeças, talha e policromia sofisticadas do século XVIII, entre outras peças e painéis que ambientavam os salões (Figura 01).

Figura 01 – a) Santos Benedito, b) Antônio de Noto ou Catageró, c) Ifigênia, e d) Elesbão, da Igreja de Nossa Senhora dos Pretos, Recife, e os Santos e) Elesbão e f) Benedito das Flores, da Igreja de Nossa Senhora dos Pretos, Olinda, séc. XVIII, Pernambuco.



Fonte: Catálogo MASPE, Editora Cepe, Fred Jordão, 2019.

Ainda na citada mostra, foram exibidas as imagens devocionais em madeira policromada manufaturadas com elevada técnica na talha, sofisticação de estofamentos e marmorizados nas bases, identificadas como S. Moisés, Rei Mago Baltazar e S. Filipe (Figura 02).

Figura 02 – a) S. Moises, e b) Rei Baltazar, da Igreja de N. Sra. do Rosário dos Homens Pretos, Olinda, c) o Rei Baltazar da Igreja Matriz de S. Antônio, Recife, d) Rei Baltazar, e e) S. Felipe da Igreja de N. Sra. do Rosário, Boa Vista, Recife, séc. XVIII.



Fonte: Catálogo MASPE, Editora Cepe, Fred Jordão, 2019.

Abba Moisés, conhecido como o Negro, o Ladrão, o Abissínio, o Anacoreta ou o Etíope, era um santo monge no Egito do século IV, padre do deserto e líder espiritual efetivo de uma colônia de eremitas, o mosteiro de Paromeu, no Egito. Sua devoção é advinda da Igreja Ortodoxa Oriental, Copta e Luterana, além da Católica. Ressalta-se que vida austera dos monges ascetas ou eremitas era restrita ao interior dos mosteiros ou às práticas de flagelações, dietas e jejuns frequentes.

A respeito de sua hagiografia, consta que, por volta do ano de 405, aos 75 anos, houve um ataque dos berberes, nômades norte africanos, ao mosteiro em que viviam. O padre e outros companheiros persistiram e foram mortos em martírio.

As esculturas do rei mago Baltazar, ou Balthasar, geralmente fazem parte de conjuntos, os presépios de tradição franciscana. Segundo a tradição, ele visitou o menino Jesus após seu nascimento. Tradicionalmente referido como o rei da Arábia, ele teria ofertado mirra a Jesus, conforme o Evangelho de Mateus.

Embora não figurem oficialmente na lista de santos canonizados pela Igreja Católica por serem personagens bíblicos veterotestamentários, os três reis do Oriente – Gaspar, Belchior e Baltazar –, são, sim, por ela considerados dignos de tal preito. Assim sendo, suas relíquias podem e devem ser postas para veneração em um ambiente sagrado, como já se encontram na Catedral de Colônia, na Alemanha, desde o século XIII. (Cf. Denzinger, p. 459, 2006, in: Gonçalves e Coutinho, 2021).

O São Filipe retratado é uma devoção pouco estudada e pouco difundida. Visto a presença da escultura de São Moisés no mesmo templo, admite-se que o santo também apresente alguma relação com as tradições etíopes ou ortodoxas. A imagem traja vestes litúrgicas, estola vermelha e sobrepeliz. Infelizmente seus atributos se dissociaram, o que poderia fornecer mais recursos no processo de identificação de sua imagem.

Na citada mostra observam-se esculturas de épocas e aspectos técnicos distintos. Ressalta-se uma escultura de vestir de São Benedito, da segunda metade do século XVI, pertencente à igreja de São João Batista dos Militares, Olinda, em Pernambuco. Imagem de Benedito em estrutura de roca² bem simplificada e rústica, 7 cânones³, braços e mãos articulados, olhos de vidro e com tonsura na cabeça (Figura 03a).

Outra peça selecionada na exposição é a pouco frequente escultura de vulto de S. Benedito dos Milagres, pertencente ao acervo da Igreja de N. Sra. de Nazaré, de 1627, olhos de vidro, policromada e dourada, traja hábito franciscano marrom, cordão simples de três nós, pés à mostra, relevos dourados nas bordas das vestes. Infelizmente, a peça do século XVIII encontra-se com mãos e atributos dissociados. (Figura 03b)

Figura 03 – São Benedito, Igreja de São João Batista dos Militares, e São Benedito dos Milagres Olinda, em Pernambuco, ambas do Século XVIII.



Fonte: Catálogo MASPE, Editora Cepe, Fred Jordão, 2019.

As imagens da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, edificada entre o primeiro e segundo quartel do século XVII, Recife, estão atualmente sob tutela do Museu de Arte Sacra de Pernambuco.

A mostra dos “Santos Negros” agregou um sentido ampliado no combate ao preconceito racial e “sobretudo, a intolerância com religiões de matriz africana”, conforme afirmou o padre Rinaldo Pereira, curador, diretor da instituição e organizador do catálogo da exposição (Pereira, 2019, pp. 67-81).

2 No dicionário de Bluteau (1712-1728, p. 350, 8 v.), o termo roca é definido como: “Imagem de roca & de vestidos. É a que tem armação de paus, coberta de vestidos, que a sustenta da cintura até os pés, ou seja, parte do corpo em talha inteira e outra em taboado, recoberta por vestes”.

3 Cânone, do grego “*kanon*”, designa as proporções anatômicas, medida que tem como referência o tamanho do corpo dividido pelo tamanho da cabeça, que é medido do alto do crânio até o queixo (Coelho e Quites, 2014, p.120).

Minas Gerais e a devoção negra

A partir do século XVI, muitos desbravadores, em grande parte de origem paulista, iniciaram as expedições de bandeiras e entradas no processo de busca de riquezas e da difusão da fé pelas ordens religiosas. Minas Gerais tornou-se, na segunda metade do século XVII, o mais relevante centro econômico e cultural do país, com o desenvolvimento da mais requintada versão colonial do rococó religioso, segundo palavras de Oliveira (2000). Torna-se necessário considerar que, na segunda metade do século XVIII:

[...] o Rei de Portugal proibiu o estabelecimento das ordens regulares na região das Minas Gerais e, tal medida, teve como consequência a formação de um clero majoritariamente secular e de uma vida religiosa organizada e financiada principalmente pelas associações laicas. [...] as Ordens Terceiras Carmelitas surgiram nos principais centros urbanos de Minas. Elas eram subordinadas ao convento carmelita do Rio de Janeiro e inspecionadas pelo mesmo. (Brusadim, 2019, p.44).

Desse modo, nas capitanias do Sudeste as irmandades leigas prestavam assistência tanto na vida social, auxiliando os enfermos, como na vida cultural, realizando festas religiosas no povoado. As ordens terceiras mais atuantes no Brasil foram a Ordem Terceira do Carmo e a Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, hoje Ordem Franciscana Secular. De forma semelhante às irmandades, essas ordens eram organizadas e dirigidas pelos leigos, cabendo aos religiosos o papel de orientação espiritual. Segundo Boschi (1986, p. 183), “as irmandades foram uma força auxiliar, complementar e substituta da Igreja, sendo responsáveis pela contratação de religiosos e construção dos templos”.

Do início dos Setecentos, e durante o século seguinte, a devoção negra floresceu gradualmente no espaço das cidades proeminentes do ciclo aurífero. Irmandades mineiras, resguardadas por autonomia própria, resolviam uma série de questões sociais e edificavam capelas, casas de morada e mobiliários envolvendo e contratando inúmeros artífices de ofícios diversos.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, de Ouro Preto, iniciou suas atividades em 1715. Cinquenta anos depois e em sede própria, a igreja de mesmo nome foi construída e, em seu interior, é possível verificar quatro dos seis nichos ocupados com imagens de santos negros em cânones de 7,5 cabeças. Oralmente, Antônio de Noto e Benedito das Flores são peças atribuídas ao padre Antônio Félix Lisboa, meio-irmão do Aleijadinho (Figura 04 a e b). Porém, indico reconsideração em tal afirmação. No mesmo templo, nos retábulos laterais, os Santos Elesbão e Ifigênia trajam tradicionais hábitos e escapulários típicos dos carmelitas (Figura 04 c e d).

Ainda em Ouro Preto e no interior da Igreja Matriz de Santa Ifigênia, também conhecida como Capela do Alto da Cruz do Padre Faria, cuja construção se deu entre 1733 e 1785, encontram-se as esculturas de santos negros mais representativas em Minas Gerais. Em cânones de 7,5 cabeças, no retábulo-mor encontram-se as imagens de madeira policromada de N. Sra. do Rosário no trono ao alto, Santa Ifigênia logo abaixo e S. Elesbão no nicho lateral à direita, e, nos altares colaterais, S. Benedito e Antônio de Noto, além de outras como S. Rita e N. Sra. do Carmo (Figura 05).

Figura 04 – a) S. Antônio de Noto, b) Benedito das Flores, c) Elesbão e d) Ifigênia,

Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos, Séc. XVIII, Ouro Preto, MG.



Fonte: Arquivo do autor, 2019.

Figura 05 – a) S. Ifigênia, b) Elesbão, c) Benedito das Flores e d) Antônio de Noto, Igreja Matriz de S. Ifigênia, Séc. XVIII, Ouro Preto, MG.



Fotos: Gustavo Bastos, 2021.

Figura 06 – S. Ifigênia, Elesbão, Benedito e Antônio de Noto, Igreja de N. Sra. do Rosário de Tiradentes, MG, séc. XVIII.



Fonte: Luiz Cruz, 2021.

As narrativas em torno dos santos Elesbão e Ifigênia recolocam a devoção enquanto elemento de identidade grupal, já que simbolizavam a mescla das matrizes religiosas católica e africana. Em sincretismo, na Matriz de S. Ifigênia, realizam-se até hoje as folias, festas ofertadas aos santos, e coroações de reis negros, festejos conhecidos como congados.

Em Tiradentes, na Igreja do Rosário, construída pela Irmandade de mesmo nome, fundada por volta de 1731 e constituída por crioulos cativos, ocupam o nicho do retábulo-mor as imagens de S. Elesbão e S. Efigênia (Figura 06 a e b). Outras peças relevantes na mesma igreja estão dispostas nos retábulos laterais: são as esculturas dos franciscanos Benedito e Antônio de Noto (Figura 06 c e d).

No Museu Arquidiocesano de Mariana há uma S. Ifigênia em trajes carmelitas, portando uma cruz e uma miniatura de igreja (Figura 07a). Na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da mesma cidade e atribuída por Santos Filho (p. 135, in: COELHO, 2005) ao escultor Vieira Servas, encontra-se uma S. Ifigênia em madeira dourada e policromada, data de criação estimada como do último quartel do século XVIII, dimensões 133,5 x 70 cm (Figura 07 b). Na Igreja de S. Rita Durão, antigo arraial do Inficionado, há uma outra Santa Ifigênia da lavra de Vieira Servas (Santos Filho, p.135, in: Coelho, 2005).

Em outro retábulo colateral do mesmo templo de Mariana, uma escultura de S. Benedito carrega flores vermelhas, vestes com caimento duro e o símbolo iconográfico do coração flamejante sobre o peito, raro atributo nas imagens mineiras (Figura 07 c).

Oliveira (2005, p. 23, in: Coelho, 2005) pondera que: “as linhas esguias das imagens, com planejamentos pouco movimentados, encontram correspondência na verticalidade acentuada dos retábulos, típica do Rococó”.

Figura 07 – a) Santa Ifigênia, a) Santa Ifigênia, Atribuída a Vieira Servas e São Benedito das Flores Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Séc. XVIII, Mariana, MG.



Fonte: Arquivo do Autor, 2019.

Em relação às imagens de Santa Ifigênia inventariadas em Minas Gerais pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Alves (2005, p. 70, in: Coelho, 2005) afirma que “das 27 arroladas, 26 têm a igrejazinha e a palma, enquanto uma única

leva, curiosamente, um livro aberto”. Ainda relacionado ao mesmo inventário, Alves (2005, p. 70, in: Coelho, 2005) cita a existência de oito imagens de Santo Antônio de Noto, nove de Santo Elesbão e trinta e sete São Beneditos no citado inventário, o que demonstra a popularidade de santos negros e a relevância de Benedito frente as devoções.

Considerações finais

As imagens de santos negros em madeira policromada difundidas pelos franciscanos e carmelitas, principalmente, proporcionava conexão do povo negro com a religião dominante e, de algum modo, os incluía socialmente, visto que esses devotos lhes atribuem curas e milagres, e oferecem festejos e missas em agradecimento. Apesar do menor número de devoções propagadas no catolicismo, esses personagens negros são aceitos por um grande número de convertidos, e fiéis de origem africana que lhes proporcionam um veículo que resgatava, além da arte escultórica, uma estética, a essência, simbologias e personalidades africanas, que inclusive transpassam o caráter histórico, social, político e cultural.

Nas igrejas e capelas brasileiras do Rosário dos Homens Pretos predominam esculturas dos santos carmelitas Ifigênia e Elesbão e os franciscanos Antônio de Noto e Benedito, as principais devoções negras desse povo marginalizado, porém de grande fé e resistência aos regimes vigentes desde suas origens. O estudo das imagens de Pernambuco e de Minas Gerais confirma a preponderância dessas citadas devoções são confirmadas, porém indicando que há em Pernambuco algumas representações que divergem das encontradas em Minas Gerais, em que são encontradas a presença das representações identificadas como Moisés, o Anacoreta, Rei Mago Baltazar e São Felipe. Das devoções analisadas, a de Benedito talvez seja a mais representativa no país, e suas esculturas demonstram grande variedade técnica e iconográfica em que se percebem modelos de representação originadas de vários países como Itália, Espanha e Portugal. As festas de seus devotos são consideradas como uma das maiores manifestações religiosas no Brasil.

Em síntese: compreender a devoção dessas imagens e suas esculturas em uma perspectiva utilitarista ou ornamental é desconhecer a força simbólica, aglutinadora e geradora de identidades coletivas.

Referências

ALVES, Célio Macedo. Um estudo iconográfico. In: COELHO, Beatriz (Org.) Devoção e Arte. Imaginária Religiosa em Minas Gerais. Editora da USP: SP, 2005.

AUGRAS, Monique. R. A. Todos os santos são bem-vindos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

BLUTEAU, Raphael. Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 8 v. Disponível em: Acesso em: 05 dez 2019.

- BOSCHI, Caio César. Os leigos e o poder: Irmandades leigas e Políticas Colonizadoras em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.
- BRUSADIM, Lia Sipaúba O Programa Imagético da Paixão de Cristo das Ordens Terceiras do Carmo: contraponto entre história, iconografia, materiais e técnicas de esculturas devocionais dos séculos XVII- XIX no Brasil, Tese de Doutorado, PPGA, Escola de Belas Artes, 2019.
- COELHO, Beatriz; QUITES, Maria Regina Emery. Estudo da escultura devocional em madeira. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2014.
- COELHO, Beatriz. Demônio ou Rei Branco, Boletim do Ceib, vol. 2 n. 6, mar. 1998.
- COELHO, Beatriz (Org.) Devoção e Arte. Imaginária Religiosa em Minas Gerais. Editora da USP: SP, 2005.
- CONCEIÇÃO, Fr. Apolinário da. Flor peregrina ou nova maravilha da graça descoberta na prodigiosa vida do beato Benedicto de S. Philadelphio. Lisboa: Oficina Pinheirense da Música e da sagrada religião de Malta, 1744. In: OLIVEIRA, Joyce F. de. Negro, mas belo: São Benedito, O santo Preto da Idade Moderna, XII EHA – Encontro de História da Arte – Unicamp, 2017.
- DELL’AIRA, Alessandro. La fortuna iberica di San Benedetto da Palermo. In: Atti dell’Accademia di Scienze, Lettere e Arti di Palermo. Palermo, nº12, pp. 51–91, 1993.
- DENZINGER, Heinrich. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. São Paulo: Editora Paulinas/Edições Loyola, 2006, nº 1822, p. 459. In: GONÇALVES, Fernando; COUTINHO, Marcos Vinicius. São Baltazar na Venerável Confraria de N. S. da Lampadosa, RJ. Imagem e Preservação: Singularidades na Escultura Sacra Brasileira. Disponível em <https://sites.google.com/view/imagempreservacao/escultura-texto/s%C3%A3o-baltazar-confraria-de-n-s-da-lampadosa-rj> Acessado em: 14/09/2021.
- FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª ed. rev., São Paulo: Global, 2006.
- SANTOS FILHO, Olinto. Características específicas e escultores identificados. In: COELHO, Beatriz (Org.) Devoção e Arte. Imaginária Religiosa em Minas Gerais. Editora da USP: São Paulo, 2005.
- OLIVEIRA, Anderson José Machado de. Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2008.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A Escola mineira de imaginária e suas particularidades. In: COELHO, Beatriz (Org.) Devoção e Arte. Imaginária Religiosa em Minas Gerais. Editora da USP: SP, 2005.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A imagem religiosa no Brasil. In: AGUILLAR, Nelson (Org.) Mostra do Redescobrimento, Arte Barroca. São Paulo, Associação 500 anos Artes Visuais, 2000.

PEREIRA, Rinaldo. Santos Negros. Black Saints. Padre Rinaldo Pereira, Anazuleide Ferreira, Diomari Diniz e Iron Mendes de Araújo Jr. (Org.) – Recife: Cepe, 2019.

QUINTÃO, Antonia Aparecida, Lá vem o meu parente: as irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (século XVIII), São Paulo: Annablume: FAPESP, 2002.

REGINALDO, Lucilene. “África em Portugal”: devoções, irmandades e escravidão no Reino de Portugal, século XVIII. *História*, São Paulo, v. 28, n. 1, 2009.

SCARANO, Julita. Devoção e escravidão: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1975.

SCHENONE, Hector H. Iconografía del arte colonial: los Santos. Buenos Aires: Fundacion Tarea, 1992.

VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea: Vidas de Santos / Jacopo de Varazze: tradução do latim apresentação, notas e adesão iconográfica* Hilário Franco Júnior – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Editora responsável: Alfredo Teixeira

Submetido em: 06/10/2021

Aprovado em: 26/01/2022